

As dimensões da nossa circunstância são limitadas em ordem de grandeza. Quando essas limitações são ultrapassadas, as dimensões passam a ser inacessíveis à experiência imediata, e portanto inimagináveis. Deixam de ser humanas. Embora esse fato seja óbvio, não tem sido, creio, suficientemente analisado. O propósito do presente artigo é considerar alguns dos problemas que decorrem e que estão, a meu ver, entre os problemas cruciais da atualidade.

Raras vezes nos damos conta o quanto é limitada a faixa das dimensões vivenciáveis. Suponhamos que podemos conceber uma escala ilimitada. Portanto uma régua centímetrica cujos dois extremos se percam no infinito, e uma tabela cronológica igualmente extensa. Suponhamos ainda que podemos conceber a possibilidade de subdividir essas duas escalas infinitamente. (Na realidade não podemos conceber esse tipo de escala, como não podemos conceber escalas limitadas em extensão e divisibilidade. A nossa capacidade conceitual fracassa, embora fracasse muito depois da nossa capacidade imaginativa.) Pois nessa suposta escala ilimitada e infinitamente subdivisível a nossa experiência ocupa uma faixa pateticamente estreita, por exemplo: a faixa entre milímetros e centenas de quilômetros, ou entre segundos e centenas de anos. Ou, em outros termos: a faixa entre uma pulga e a Via Láctea, ou entre um susto repentino e a experiência biográfica que abranje avós e netos. Podemos, é verdade, estender um pouco essa faixa. Incluindo nela, por exemplo, um nervo da pulga, o sistema rodoviário mundial, um reflexo condicionado e a história da cultura. A extensão terá sido mínima, mas já terá sido introduzido nas nossas dimensões um elemento artificial e falso. Teremos provocado o problema da realidade e da credibilidade.

Esta consideração ilumina pelo menos dois aspectos: o da estrutura dimensional da circunstância, e o da extensão da circunstância por extrapolação das dimensões dadas. Tomemos, como exemplo, a pulga, e os avós e netos. A pulga é real, e creio na sua existência, porque a vejo e sinto a sua picada. O microscópio "revela" que na "realidade" a pulga não é como parece, mas é complexa e tem, por exemplo, nervos. O microscópio é uma extensão das dimensões e seu resultado é este: posso duvidar da pulga, posso duvidar do nervo, e posso duvidar do microscópio como método que liga pulga e nervo. (Embora eu disponha de outros métodos para duvidar da minha circunstância, por exemplo do cartesiano, é este método muito potente). Os avós e netos são reais, e creio na sua existência, porque dialogo com eles, e porque me alteram e eu os altero. Em outras palavras: porque os amo ou não os amo. A história, a arqueologia etc., "revelam" que "na realidade" as gerações não são como parecem, mas são elos de uma cadeia complexa. Este problema é mais violento em sociedades ditas "novas", (como o Brasil), que na Europa. O Brasil é "novo", porque é relativamente raro que as cinco gerações vivenciáveis se enquadram na cadeia extrapolada sob o título "brasileira". E quando uma das gerações escapa ao enquadramento, posso duvidar da minha brasilidade, embora possa também duvidar da extrapolação e do método historicista.

VILÉM FLUSSER

Os exemplos dados são muito modestos. Posso radicalizá-los. Posso falar, com ~~relaxivax~~ aparente facilidade, em partículas alfa, em supernebulosas, em frações de microsegundos e em passados geológicos de centenas de milhões de anos. Embora estas extensões sejam, elas também, ínfimas, se comparadas com a suposta escala ilimitada e infinitamente divisível, criam alguns novos problemas. Mencionarei dois deles. O primeiro diz respeito à discrepância entre o imaginável e o concebível. O nervo é concebível e imaginável, embora não seja vivenciável. A partícula alfa é concebível, mas inimaginável. Posso fazer um desenho de um nervo, e terei feito um retrato. Mas se fizer um desenho de uma partícula alfa, terei feito, no máximo, um modelo. Ao ter extendido assim a minha circunstância, ultrapassei a barreira do imaginável. A facilidade, com a qual o faço, é consequência do meu sacrifício da capacidade imaginativa. Uma extensão maior é inconcebível. Não posso conceber uma subdivisão infinita da partícula alfa, (embora possa conceber uma subdivisão finita), e a mera tentativa causa uma vertigem, não da imaginação, mas do conceito. A extensão da circunstância dá-se, pois, em fases. A primeira abandona a vivência pela imaginação e pelo conceito, a segunda abandona a imaginação pelo conceito, e talvez haja uma terceira que abandone o conceito. Este é o primeiro problema.

O segundo diz respeito ~~à credibilidade~~ à credibilidade deste processo todo, portanto ao problema do significado. Que significa "Nervo"? "Nervo" é algo imaginado e concebido que significa algo vivenciado. Que significa "partícula alfa"? "Partícula alfa" é algo concebido que significa algo imaginado que significa algo vivenciado. É óbvio que os níveis de significado não são tão nítidos como neste esquema. Os limites da extensão das dimensões são borrados. Mas, em todo caso, uma pergunta radical torna-se inevitável: se o último significado de toda extensão é a vivência, (isto é a circunstância com suas dimensões dadas), o critério da extrapolação continua sendo a faixa estreita das dimensões, e a extrapolação não passa de jogo? Ou será que o jogo amplia a faixa do vivenciável? A contemplação da cena atual parece querer sugerir a segunda alternativa. E isto é a causa da crença geral concedida pela humanidade à ciência, esta extensão "par excellence" da circunstância dada. Não quero discutir se a ampliação da faixa é, "per se", desejável. Quero discutir, isto sim, se ela se dá realmente.

Reformulando: a credibilidade da extensão das dimensões está na reduzibilidade ^{para as} ~~de~~ extensões primitivas, que ficam por isto extendidas, ou: a credibilidade das teorias científicas está na sua aplicabilidade. Poucos crêm, atualmente, na "realidade" das "revelações" científicas, mas muitos crêm na ciência como método de ampliar o terreno do vivenciável. A crença é fundamentada em observações óbvias, como viagens para milhares em vez de dezenas de quilômetros, e como prolongação da vida pela medicina. Sugerirei que estas observações, embora óbvias, são problemáticas, mas antes uma consideração passageira.

A ciência ultrapassou a barreira do imaginável apenas recentemente. Atualmente

VILÉM FLUSSER

te podemos acompanhar os seus argumentos apenas se sacrificarmos a nossa capacidade imaginativa. Por isto não cremos mais na realidade dos seus enunciados, já que "realidade" e "imaginação" parecem estar de alguma maneira ligadas. Mas já que se trata de acontecimento recente, muitos ainda procuram imaginar aquilo que a ciência está dizendo. Assim surge o cientifismo, que é um mal entendido. A ciência decepciona apenas aqueles, que nela procuram a "realidade", isto é a traduzibilidade do conceitual para o imaginário, ou da língua matemática para a língua portuguesa.

Volto ao argumento. É inegável que viajamos distâncias maiores, graças à aplicação de teorias. Viajamos mais extensamente, mas sugiro que viajamos menos intensamente. É inegável que vivemos mais anos. Vivemos mais extensamente, mas sugiro que vivemos menos intensamente. A minha tese é que isto se dá em todos os casos da aplicação de teoria. A minha tese é que está acontecendo o seguinte: as dimensões da situação são extrapoladas além da vivência para o imaginável e o concebível. Essas extrapolações são reduzidas para o vivenciável. O resultado não é uma extensão do vivenciável, mas uma diluição da vivência pela imaginação e pelo conceito. Em outras palavras: a "realidade", (a circunstância vivida), não se expande, mas se dilui e passa a adquirir características imaginárias e conceituais, isto é de irre realidade. Trata-se de um processo de alienação, de loucura, de perda de realidade, que chamei, no título deste artigo, de "megalomania", (introdução de dimensões grandes), e "microfilia" (introdução de dimensões pequenas). Como exemplo da primeira dou as viagens interplanetárias, (diluição da circunstância em macrocosmos), como exemplo da segunda o rádio transistorizado, (miniaturização do cosmos em tamanho de bolso).

Esta diagnose da situação, (mesmo se for correta), não implica em juízo valorativo. Recusei a pergunta se o aumento do terreno do vivenciável é desejável. Apenas procurei sugerir que ele é inatingido pelo método científico de extrapolação de dimensões dadas. Podem existir, perfeitamente, outros métodos para estender a vivência, e estes métodos podem estar sendo aplicados atualmente. Apenas não influem, atualmente, de maneira perceptível na situação dada. A influência decisiva é da ciência, e esta dilui, a meu ver, a vivência, e não a aumenta. E este fato é um dos dados da circunstância que nos cerca. Devemos aceitá-la, antes de porventura querer modificá-la.

As dimensões dadas da circunstância são as dimensões humanas. Deste ponto de vista a ciência deshumaniza. Mas a tendência de superar a circunstância é igualmente humana. Deste ponto de vista a ciência humaniza. Este é mais um aspecto da contradição que é o homem: ente em circunstância, mas ente que a supera. Talvez possamos articular essa contradição pelo seguinte paradoxo: a deshumanização da circunstância caracteriza o homem. No caso: é característico do homem que ele passe de dimensões humanas para deshumanas, tornando a sua vida menos intensa, por mais imaginária e mais conceitual, em suma: negando a "realidade". Este é o problema das dimensões e da loucura que pretendi discutir, a saber: o problema do homem enquanto ente louco.